

ALCEU WAMOSY

Everardo TIBIRIÇA

Quem jamais teve oportunidade de conhecer o Rio Grande do Sul, esse nunca poderá compreender seus poetas. É lá que, no inverno, as névoas se dependuram nas árvores, oscilam no espaço e transformam-se, no chão, em espécimes ilusórias de estalagmites.

O simbolismo aterrisou nos pampas por imposição de afinidade mesológica. Viera de Flandres, com armas e bagagens inconsúteis, no vôo de rendas mortas de Bruges de Rodenbach. E o minuano acelerou o proliferação das estrofes assimétricas.

Alceu Wamosy veio à luz na zona fronteira de Uruguaiana, aos 14 de fevereiro de 1895, nos estertores da Revolução Federalista. Trazia consigo, portanto, o signo da melancolia dos combates fratricidas.

Era de ascendência húngara pelo lado paterno. Seu genitor, entusiasta de Guerra Junqueiro, consultara-o para que permitisse desse o filho, em homenagem, a repetição do nome. O homem de Freixo-de-Espada-à-Cinta, província de Trás-os-Montes, evitou tal registro. Sugeriu, porém, a José Afonso Wamosy, o de Alceu, extraído da mitologia, pois este fora rebento de Perseu, marido de Hipomene ou Hiponone, pai de Anfitrião e avô de Hércules, denominado, em razão disso, Alcides.

Costa que Wamosy, imerso em sonhos, cursou em estado de absoluta distração a escola primária de Uruguaiana. Transferindo-se José Afonso Wamosy para Alegrete, em 1909, coincidia que ali também vivesse, em folgedos igualmente cismarentos, com três ou quatro anos de idade, o menino Mário Quintana, futuro autor de *A Rua dos Cataventos*. Ao beirar decênio e meio, ingressou Alceu Wamosy na imprensa, *A Cidade*, jornal fundado por seu pai. E imprimia, com as próprias mãos emotivas, em 1913, a plaqueta de *Flâmulas*, de conteúdo de apenas dez sonetos. Em 1914, surgia, de idêntica maneira, *Na Terra Virgem*. Nesta fulgurava dedicatória fervorosa a Cruz e Sousa. As produções desses volumezinhos iniciais não negavam as

tatuagens de influências do famoso “Dante Negro”. Os vocábulos aparentavam retinir no campo de beligerância da retórica. Mais tarde, embora ainda continuasse enamorado do som, roupagem de ritmos de que se não desprende poeta algum, passaria a aveludar palavras, soluçar baixinho, irmanando as paisagens sulinas às de Samain para melhor assistir aos filetes de chuva nos rosais, ao crepúsculo e melhor ouvir o vento antecipar os *Noturnos* de Chopin.

Evitaria, na surdina do possível, alardear versos que metalizassem choques de espadas.

Alceu Wamosy não foi criatura que confiasse nos dons naturais, deles aguardasse milagres e deixasse de apelar aos recursos que se originam dos estudos, com a lâmpada em vigília. Percorreu inúmeras centenas de estruturas literárias básicas. Adotava assinar-se por extenso ou abreviado, para marcar a folha onde intervalasse a leitura. Punha no “e”, de Alcêu, com firmeza, o respectivo chapeuzinho do acento circunflexo.

Sua biblioteca era selecionadíssima. Diversos livros que lhe pertenceram vieram às minhas mãos e pude observar o método seguido pelo leitor infatigável. Dois deles muito me impressionaram. Tratava-se do par de tomos do Visconde de Vila-Moura, edição de 1913, intitulados *Doentes da Beleza*. O poeta, que os lera de quase uma assentada, poucas vezes adornara as margens com o “Alcêu Wamosy”, de caligrafia algo feminina. Considerar-se-ia, na análise de si mesmo, um doente da beleza? Que feliz diagnóstico!

Possuía outro exemplar que confirma sua preocupação da beleza, que é o significativo *Ruskin et le Religion de la Beauté*, de Robert de la Sizeranne, livro que todos sabem ter servido a Proust de primeiro ponto de contato com o esteta inglês de *As Sete Lâmpadas da Arquitetura*.

No consultório amigo de Vidal de Oliveira, examinei volume por volume as obras completas de Ibsen, na tradução do Conde de Prozor, os quais tiveram por dono Alceu Wamosy.

Conversei, em Porto Alegre, com vários amigos de Wamosy, e alguns já não existem sobre a terra. Fábio de Barros, Mansueto Bernardi, Athos Damasceno Ferreira, Manoelito de Ornelas, além de outros, mantiveram longos cavacos com o lírico de *Coroa de Sonhos*, sob o teto da revista *A Máscara*. De Souza Júnior, Celestino Prunes e Dionélio Machado foram seus companheiros de pensão na rua da Ponte, hoje Riachuelo, em Porto Alegre. Wamosy, na bela capital gaúcha, durante meses, deliciou-se na mais franca boêmia. Bebeu absinto, frequentou as espeluncas da velha praça do Mercado e, nos passeios noturnos, visitou o agrupamento de cemitérios da Azenha. Esteve em tertúlias, ao ar livre, com Eduardo Guimaraens, Felipe de Oliveira, Homero Prates, Álvaro Moreyra, etc.

A tragédia do desaparecimento de Wamosy ocorreu motivada por simples gratidão. Adversário da realidade, flanava na asa dos entropécetes para fugir ao tédio. Nhô Quim, estancieiro riquíssimo, entendeu custear-lhe o internamento em um dos sanatórios do Uruguai. Curando-se do vício da cocaína, fixou-se em Livramento, adquirindo, nessa cidade, o órgão *Republicano*, de cuja direção não se afastaria enquanto respirou. Rompe o movimento de 1923, reação contra a cronicidade do borgismo no poder. E para não molestar o Coronel Nhô Quim, adepto do Pajé das coxilhas, resolveu pegar em armas. Deram-lhe o posto de alferes e o encargo imune de entregar correspondência. Às tantas, decidiu Wamosy lutar, em Santa Maria Chica, ora na Ponte do Ibirapuitã e em Ponche Verde. E em Ponche Verde, de cujo campo de batalha David Canabarro, em 1845, prevenira, numa proclamação histórica, que “um poder estranho ameaçava a integridade do Império”, assim pacificando os gaúchos em face do sinuoso oferecimento de ajuda de Rosas. Nesse reduto de Ponche Verde recebe Wamosy uma bala no peito. A lesão não justificava o óbito. Mas a sensitiva humana não suportou e faleceu a 13 de setembro de 1923, após a realização, *in extremis*, do matrimônio com Maria Bellaguarda, musa lindíssima.

Floduardo de Araújo, uma das maiores amizadas de Wamosy, contou-me ter morrido o poeta de “Duas Almas” em seus braços, num hospital de sangue de Livramento. Daí em diante, se encontrava Floduardo de Araújo, tocava-lhe nos braços, numa reverência silenciosa e póstuma, e sentia meu nó de garganta

(Vôo sem Asas, pp. 67-67. São Paulo, Editora Nacional, 1987).